

Monique Schneider

O “entre-dois” do pensamento

Acompanhar a reflexão de Monique Schneider, onze anos após sua primeira entrevista à revista *Percurso* (nº 8), pode curiosamente trazer nas entrelinhas um certo desenho do movimento da psicanálise neste tempo. Se antes ela era considerada herética pelas suas tematizações, num quadro institucional dominado pelo lacanismo repleto de palavras de ordem, agora é acolhida em sua postura independente, de não pertinência a algum grupo, num rico intercâmbio com várias tendências, das associações lacanianas às anglo-saxônicas. Além disso, mantém um espaço para a psicanálise em searas não psicanalíticas.

Se a psicanálise de Freud foi para Schneider um encontro feliz que lhe permitiu articular o afeto e o intelecto em suas pesquisas, é o antidogmatismo da filosofia que lhe flexibiliza o próprio pensamento, em um quadro de teorias psicanalíticas dominadas pelo partidarismo. Em seu exercício clínico prioriza o sofrimento abortado no qual o trabalho sobre o afeto é determinante. Se a verbalização é essencial, “ela não é suficiente para provocar uma mutação terapêutica”.

Dos vários livros publicados pela autora, podemos destacar Afeto e Linguagem (1984) e Généalogie du Masculin (2000). Esses e outros temas foram tratados nesta entrevista feita por correspondência no último mês de maio.

Percurso: Em sua entrevista a *Percurso* realizada em 1991 (publicada no nº 8, em 1992, com o título “À escuta dos passos do texto”), a senhora dizia ter a sensação de ser vista mais como uma psicanalista herética do que excêntrica. Essa sensação permanece até os dias de hoje? Qual é a sua posição no meio psicanalítico francês atual?

Monique Schneider: A situação mudou um pouco depois da publicação do meu último livro, *Généalogie du Masculin*.¹ Fui convidada por um número considerável de associações psicanalíticas, em sua maioria lacanianas ou que tentam realizar intercâmbios entre a herança laciana e outras vias psicanalíticas,

Realização: Bela Sister, Cristiane Sammarone, Eveline Alperowitch, Mara Selaibe, Miriam Chnaiderman e Patrícia Vianna Getlinger.

em particular as correntes anglo-saxônicas. No meu percurso, o tom bastante polêmico que caracterizava minha relação com Freud atenuou-se e, se reunirmos minhas diferentes aproximações, uma unidade se impõe. Não sou mais vista exclusivamente como alguém que contesta sistematicamente as posições psicanalíticas oficiais – o que entretanto continuo fazendo –, mas como alguém que no texto freudiano e na herança que o continua faz surgir outras pistas teóricas, eficientes ao mesmo tempo que ocultas.

Percurso: A sra. é orientadora de tese no *Centre Nationale de Recherches Scientifiques* (CNRS) que reúne departamentos de pesquisa nas mais diversas áreas de conhecimento. Chamou nossa atenção a sra. estar inserida numa instituição deste tipo, sendo que não encontramos qualquer referência à sua inserção numa instituição psicanalítica propriamente dita. A sra. pode nos contar como é sua participação no *Centre Nationale de Recherches Scientifiques* e que pesquisas a sra. orienta?

Schneider: Minha participação no CNRS é acrobática. Estou ligada a uma equipe centrada na filosofia fenomenológica. Nenhuma seção do CNRS acolhe oficialmente a psicanálise como disciplina específica. Os poucos psicanalistas admitidos devem incorporar-se a equipes que reivindicam uma especialização diversa da psicanálise. Como o meu primeiro orientador de tese foi Paul Ricoeur, pude trabalhar Freud e as questões psicanalíticas estando coberta pela fenomenologia. Atualmente sou a única psicanalista na equipe à qual estou ligada e meu seminário viabilizou-se devido à minha ligação com a Universidade de Paris VII – Denis Diderot, como orientadora de tese.

Durante muito tempo orientei teses na escola doutoral dirigida por Pierre Fédida.

Quanto a minha inserção em instituições psicanalíticas, participei por muitos anos do *Collège de Psychanalystes*, constituído em torno de um encontro entre lacanianos que haviam deixado a Escola Freudiana e membros da SPP. Jean Cournut ocupou um lugar importante neste *Collège*, que,

“

É sobretudo no contexto da aparente insensibilidade, após a evocação de experiências intoleráveis, que encontro a questão do afeto no trabalho clínico.

”

infelizmente, se auto-dissolveu em seguida. Depois dessa dissolução não aderi a outro grupo mas, devido a convites variados, mantenho muitas trocas com as diferentes tendências.

Percurso: A sra. trabalha com a questão do afeto há mais de vinte anos. Como a sra. estabeleceria, atualmente, definições e diferenças entre afeto e emoção e quais são suas conseqüências em seu trabalho clínico?

Schneider: A questão do afeto foi fundamental no início do meu caminho pois compunha o tema de minha tese de doutorado em filosofia: “a reflexão emocional”. Somente o início dessa pesquisa foi publicada na revista *Topique*, e depois no Brasil. Nos livros seguintes me embrenhei em perspectivas aparentemente adversas à questão do afeto. Tenho a intenção de retomar posteriormente, mas não num futuro imediato, a questão das relações entre afeto, representação e negação. Uma das dificuldades deve-se ao caráter fronteiro dessa questão, situada entre a psicanálise e a filosofia. Não tenho intenção de apoiar-me em definições prévias, pois as noções de afeto e de emoção não se encontram no mesmo campo. O afeto diz respeito essencialmente à fenomenologia e a emoção diz respeito à fenomenologia ou à psicologia. Se eu retornar a essa questão, vou sem dúvida abordá-la a partir da clivagem traumática, tal como foi trabalhada por Ferenczi: clivagem onde está em jogo uma tentativa de destruir a “parte sensível”; portanto essa destruição apoia-se numa estratégia de negação, que é cúmplice da delimitação de um campo intelectual. É sobretudo nesse contexto que encontro a questão do afeto no trabalho clínico: a aparente insensibilidade após a evocação de experiências intoleráveis. Portanto é o afeto abortado, enterrado, mais do que o afeto se manifestando na emoção, que me interessa essencialmente. Não obstante, a estrutura emocional será encontrada no seio do trabalho que o afeto anestesiado efetua na tentativa de reavivar-se, graças às condições trazidas pela escuta.

Percurso: A sra. vem trabalhando também com a questão do sofrimento psíquico. Sem estabelecer uma dualidade entre este e o sofrimento físico, a sra., entretanto, se pergunta a propósito das ligações entre o sofrimento psíquico e o surgimento das doenças orgânicas. Quais seriam estas ligações e de que modo o trabalho clínico do psicanalista deve levá-las em conta?

Schneider: É o mesmo paradoxo que encontro no tema do “sofrimento psíquico”, que certamente pode manifestar-se em primeiro plano na angústia mas que, freqüentemente, recorre a processos de auto-asfixia, como na defesa elaborada por Ferenczi: o *Nicht-seinwollen* (querer não ser) pós-traumático. É evidente que esse sofrimento abortado constitui uma das principais causas das doenças orgânicas. Tentei abordar essa questão em *Père, ne vois-tu pas...?*, estabelecendo uma conexão entre as experiências traumáticas, que aparecem de maneira fragmentada na *Interpretação dos sonhos* e no texto “Lembranças Encobridoras”, e o ulterior surgimento de um câncer de mandíbula. O tombo da infância, com o machucado no queixo, pontos de sutura e forte hemorragia reaflore de maneira dispersa, truncada, em vários sonhos e em tudo o que gravita em torno do tratamento de Emma Eckstein, que Freud confia ao bisturi de Fliess para uma operação nos seios nasais. Parece-me que é essencialmente o sofrimento sufocado, amordaçado, que reaparece no corpo sob a forma de doença. Aliás, é importante não atribuir unicamente ao meio as tentativas de anestesia visando banalizar o acontecimento e, sim, levar em conta as operações de negação que estão em curso na experiência traumática.

Percurso: Ainda em sua primeira entrevista a *Percurso*, a sra. ressaltou a importância, na vida de

uma pessoa, das experiências pré-históricas e o seu efeito de repetição nas análises, referindo-se, em particular, ao fato de uma pessoa “não ter sido suficientemente desejada por seus pais”, e o quanto este não dito estaria presente na vida desta pessoa. Qual seria, a seu ver, o estatuto deste não dito? A sra. se referia a um segredo ou a algo que sequer fora simbolizado pelos pais?

“

Parece-me que
é essencialmente o
sofrimento
sufocado, amordaçado,
que reaparece no
corpo sob a forma
de doença.

”

Schneider: Na situação em que parece que o sujeito em análise “não foi suficientemente desejado pelos seus pais” a dimensão do não dito é certamente importante, mas não é a única em questão. Às vezes a decepção gerada por um nascimento é expressa abertamente e não é uma lacuna de simboli-

zação que causa o sofrimento. Outras vezes se supervaloriza o efeito liberador ou terapêutico da verbalização; ela é essencial mas não é suficiente para provocar uma mutação terapêutica. Penso numa trajetória de análise na qual o pai de uma garotinha, no momento do nascimento, confessou abertamente sua decepção, seu desespero mesmo – ele esperava um menino – e seu desejo de jogar o bebê recém-nascido no vaso sanitário. O episódio era contado pela família num tom humorístico. Nesse caso, não foi a falta de verbalização que provocou efeitos destruidores que conduziram a uma estratégia de sabotagem de si; ela agia como se para acalmar o pai fosse essencial mostrar-lhe que estava prestes a imolar-se. Para que uma mudança profunda aconteça nessas análises, para que a repetição se desmanche, é importante que a ênfase seja colocada na transferência e nos laços atuais com a parte não-familiar do meio. É aí que o trabalho sobre o afeto torna-se determinante e que tudo o que numa análise depende da elucidação encontra seus limites.

Percurso: Ainda em relação às experiências pré-históricas, a propósito dos fragmentos da pré-história, a sra. resalta o quanto existe uma tendência a fazê-los surgir na realidade, muito mais do que os acontecimentos infantis, passíveis de repetição. Essas experiências pré-históricas, que podem ter sido situações terríveis vividas pelos pais em sua própria infância, tendem a se repetir na realidade da transferência. Como a sra. pensa e trabalha isso em sua clínica atualmente?

Schneider: Em geral é difícil elaborar o retorno de “fragmentos da pré-história” nos primeiros tempos de uma análise. Enquanto os pais estão fixados na função protetora, que supostamente eles devem

assegurar, são vividos como os responsáveis pelas faltas. É preciso que o trabalho analítico esteja bem instalado para que o genitor possa ser considerado como alguém que também foi uma criança. A partir do momento em que a infância do genitor pode ser levada a sério, assiste-se com frequência a uma total desordem do processo analítico. Penso numa paciente que por um longo tempo concentrou seu trabalho analítico sobre uma furiosa acusação à sua mãe. Aliás, acusação provavelmente legítima, dadas as injustiças e mentiras existentes no que concernia, entre outros, à herança. A paciente havia inclusive recorrido a um contra-ataque jurídico. Porém, algumas confissões maternas provocaram modificações na situação: durante sua infância, a mãe fora espoliada de bens que lhe pertenciam, e ainda mais ou menos abandonada. Enquanto a paciente conduzia o processo contra a mãe, perguntei-lhe sobre o lugar no qual se encontrava: no momento em que aparentemente ela era vítima, não poderíamos compreender o comportamento excessivo de sua mãe como uma provocação? Protestando ativamente, denunciando as injustiças, talvez a paciente se fizesse porta-voz do que, na mãe, representava a criança espoliada injustamente. Atacando sua mãe talvez ela fosse, tanto no seu inconsciente como no da mãe, o vingador heróico dos oprimidos, uma espécie de Zorro, surgindo na filiação para vingar e reparar uma longa sucessão de injustiças suportadas em silêncio. Não sabendo mais se ela era agressora de sua mãe – opondo-se a ela no plano jurídico – ou sua advogada, a paciente saiu do clima persecutório que dominava a análise.

Percorso: Em seu livro *Généalogie du Masculin*, a sra. apresenta o mundo ocidental como paroxismo do masculino e mostra que sua construção é fruto da pressão da

cultura ocidental que a ela retorna, reforçando-a. A genealogia do masculino é uma outra maneira de pensar o feminino expurgado? Pois, de fato, como pensar na positividade do feminino se o masculino não for deslocado desta posição?

Schneider: A correlação que vocês propõem é justa; a “positividade do feminino” não pode ser



A ‘positividade do feminino’ não pode ser reconhecida e retomada se o masculino continua fixo em suas posições.



reconhecida e retomada se o masculino continua fixo em suas posições. De fato, um movimento de contestação e reconhecimento de um mal-estar é perceptível na palavra masculina, mas tal movimento não diz respeito somente à psicologia: ele transparece em numerosas elaborações masculinas que tentam escapar ao conjunto da lógica dominante. As críticas formula-

das por autores masculinos como Pierre Bourdieu podem contribuir para provocar uma lenta modificação dos lugares. Foi o sentimento de que era impossível isolar o problema do “feminino expurgado” que me levou a interrogar o lugar a partir do qual o masculino efetuava o sufocamento do feminino. Não é um acaso que Freud, para designar o feminino, tenha falado do “continente negro”, referindo-se assim ao fenômeno da colonização. Um estereótipo masculino ocidental aderiu-se a essa figura do colonizador, suposto “esclarecido”, assim como foi possível falar, num período da história, em “despotismo esclarecido”. É essa relação a um saber criador de distância que se recoloca em questão pela analogia proposta por Lévi-Strauss entre o projeto ocidental e “a antropoemia” (vomitar o homem).³

Percorso: Ainda a partir da leitura deste mesmo livro, vemos que a construção ocidental do masculino tornou-o radicalmente emblematizado numa verticalidade fixa, com uma tarefa de arbítrio, decorrente da função paterna que representa. A sra. se pergunta se o masculino só pode mesmo reencontrar um lugar de vivente neste quadro, que transferiu e confiou ao representante masculino, alçado a um lugar divino, a função de controle. Neste questionamento a sra. faz alusão a Lévi-Strauss, que enfatiza a aliança, no lugar do interdito, na regulação das trocas sociais. Poderia nos falar mais sobre isso?

Schneider: Depois de ter escrito *Généalogie du Masculin*, fui levada a prosseguir a leitura, em Lévi-Strauss, do estatuto fundador da aliança. Como o pensamento ocidental – e em particular a releitura lacaniana do Édipo – fez para transformar esse imperativo de aliança em evocação de um interdito cujo porta-voz privilegiado seria o pai? Como compreender que

o triângulo antropológico – um homem, uma mulher, um outro homem – tenha aceitado transformar-se no triângulo da Santa Família: o pai, a mãe e o filho? Na substituição de um modelo por outro chegamos ao desaparecimento daquilo que Lévi-Strauss mencionava como “o outro homem”, estranho à família de origem. *A posteriori* essa fraude me pareceu ter sido provocada devido à substituição da lógica antropológica pela lógica patriarcal indo-européia, de acordo com a análise de Lévi-Strauss. Benveniste, em seu *Vocabulaire des institutions indo-européennes*⁴, vê a sustentação da filiação patriarcal no mito da perpetuação indefinida de um ancestral masculino renascendo em seu neto. Tal lógica repousa sobre a exclusão do feminino – a palavra *matrius* não existe mais – pois o cruzamento com a mulher não é levado em conta na inscrição da filiação, e ainda sobre a exclusão do estranho, já que o filho é saudado como a reparação do ancestral. Nessa perspectiva que coloca a continuidade identitária antes da aliança, não há lugar para o “outro homem”. Maurice Godelier, antropólogo, critica essa função concedida ao pai, já que, segundo ele, o elemento terceiro deve referir-se ao grupo e a todas as relações extra-familiares. Encontramos esse problema na clínica quando se evoca a questão do terceiro não-familiar: terapeuta, médico, professor, agente social. Considerou-se em demasia a saída do incesto como uma liberação no que se refere à mãe, quando o problema é a articulação entre o espaço familiar e o social.

Percursos: O que se segue não é exatamente uma questão e sim uma impressão sobre sua obra, para que a senhora possa comentar. Em suas palavras, parece que “essa lenta desconstrução da engrenagem do pensamento ocidental que se apre-

senta por vezes tão endurecida”, é algo do que a senhora não pode escapar e que atravessa o conjunto de sua obra. A senhora vem da filosofia, e é como se a psicanálise lhe tivesse fornecido os instrumentos para negar tudo o que no campo filosófico pudesse conduzir a um humano que negue o corpo. É ainda como se a psicanálise, justamente porque desconfia do que é puramente visual, pudesse lhe fornecer os instrumentos que permitiriam ter acesso a um invisível que não separe mais o sujeito e o objeto, ou ainda combater uma língua desencarnada, abstrata, que teria perdido sua função de expressividade.

Schneider: Eu tenderia a inverter as funções que vocês atribuem respectivamente à filosofia e à psicanálise. Se as questões colocadas pela psicanálise efetivamente me parecem incidir mais sobre o corporal e o real do que as de que trata a filosofia, existe uma dimensão da herança filosófica que considero extremamente preciosa e que hoje em dia sustenta minha pesquisa em psicanálise. A filosofia, tal como a encontrei em meus estudos, é essencialmente uma disciplina antidogmática: toda teoria só pode ser compreendida no seu esforço em polemizar com uma teoria antitética. Ora, me surpreendi com o caráter quase religioso das teorizações psicanalíticas, como se fosse possível esquivar-se do problema da interrogação e da orientação dirigidas a perspectivas antagônicas a partir do momento em que se escolheu a corrente psicanalítica conveniente. A enunciação com ares dogmáticos é frequente em Freud: “a teoria diz que...”. Foi meu aprendizado filosófico que me levou a relacionar, uns com os outros, os defensores de posições antagônicas, o que me convida a estudar sobretudo os fenômenos de filiação: entre Freud e Ferenczi, entre Ferenczi e M. Klein, entre Freud e Lacan. As diferenças territoriais são igualmente importan-

tes; não é um acaso que a psicanálise anglo-saxônica tenha recuperado para si um método mais empirista – inspirado no modelo dos jardins ingleses – ou que a psicanálise de língua alemã seja mais submissa à herança idealista. O aprendizado filosófico que recebi enfatizava os fenômenos de passagem, de contestação recíproca, como se o jogo da verdade se inscrevesse menos num encadeamento de proposições que num “entre-deux” composto tanto de fascinação quanto de enfrentamento pelo outro pensamento. É essa presença subjacente do outro pensamento – hospedando-se por vezes num infra-texto representado pela rede de metáforas – que me interessa prioritariamente. ■

NOTAS

1. *Généalogie du Masculin*, Aubier, Paris, 2000.
2. “*Père, ne vois-tu pas?*”. *Le père, le maître, le spectre dans l'interprétation des rêves*, Paris, Denoel, 1985.
3. O termo “antropoemie” entre aspas parece ser uma apropriação realizada por M. S. da antropologia ecológica dentro do trabalho que distingue sociedades antropofágicas e antropêmicas em sua relação com o outro estrangeiro. Lévi-Strauss, no texto “Estruturalismo e Ecologia”, em *O Olhar Distanciado* (Edições 70, Lisboa, 1983) tenta ultrapassar os dualismos presentes entre as relações que o homem mantém com o meio ambiente e as condições do funcionamento do espírito, mostrando a ligação do meio ambiente físico com o orgânico. Ele lança mão da distinção dos linguistas ingleses entre *étic* e *émic*, *phonetic*, *phonemic*, substantivando-os no afrancesamento para *ética* e *êmica*. O nível *êmico* é aquele em que as operações sensíveis e o funcionamento mais intelectual do espírito se encontram e, fundindo-se, em conjunto, exprimem sua comum adequação à natureza do real. “Longe de ver na estrutura um puro produto da atividade mental, reconhecer-se-á que os órgãos do sentido têm já uma atividade estrutural e tudo o que existe fora de nós, os átomos, as moléculas, as células e os próprios organismos possuem características análogas. Uma vez que estas estruturas, umas externas, as outras internas, não se deixam apreender ao nível ‘ético’, resulta daí que a natureza das coisas é de ordem *êmica*, não *ética*; é pois sobre o primeiro ângulo que devemos abordá-la. Quando o espírito se apodera de dados empíricos previamente tratados pelos órgãos dos sentidos, continua a trabalhar estruturalmente, por assim dizer um material que já recebe estruturado. E não o poderia fazer se o espírito, o corpo a que pertence o espírito e as coisas que o corpo e o espírito apercebem não fossem parte integrante de uma só e mesma realidade” (p. 169). Ele enfatiza a recusa que se deve fazer do divórcio entre o sensível e o inteligível.
4. *Vocabulaire des institutions indo-européennes*, Paris, ed. Minuit.